

Cartografia das pesquisas em argumentação no Sudeste: Minas Gerais e a UFMG em perspectiva (2011-2020)

*Mapping argumentation research in Southeastern Brazil:
Minas Gerais and UFMG in perspective (2011-2020)*

Renan Belmonte Mazzola

Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte – Brasil

Resumo: O artigo tem como objetivo descrever e avaliar os dados do projeto Cartografias da Argumentação do Sudeste, focalizando as pesquisas sobre argumentação desenvolvidas em Minas Gerais e, particularmente, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no período de 2011 a 2020. A pesquisa adota metodologia quantitativa e qualitativa, baseada no levantamento de registros de dissertações e teses em Programas de Pós-Graduação em Letras e Linguística, a partir de bases como o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, bibliotecas digitais e repositórios institucionais. Os dados foram coletados por meio de palavras-chave relacionadas à argumentação e organizados em planilhas que distinguem pesquisas de análise da argumentação (AA) e de ensino da argumentação (EA), possibilitando a descrição de tendências teóricas, campos discursivos e objetos de estudo. Os resultados revelam predominância expressiva de pesquisas voltadas à análise da argumentação em relação ao ensino, tendência observada no Sudeste (74%), em Minas Gerais (78%) e na UFMG (77%). Destaca-se também a centralidade da perspectiva da argumentação no discurso, além da recorrência de estudos sobre discurso jornalístico, jurídico e literário. Conclui-se que os estudos em argumentação no Sudeste, particularmente em Minas Gerais e na UFMG, apresentam concentração em abordagens analíticas e em determinados domínios discursivos, evidenciando a necessidade de ampliar investigações voltadas ao ensino da argumentação e diversificar os objetos de estudo, contribuindo para um panorama mais amplo e equilibrado das pesquisas na área.

Palavras-chave: Cartografia. Argumentação. Minas Gerais. UFMG.

Abstract: This paper aims to describe and evaluate the data from the project "Cartographies of Argumentation in the Southeast", focusing on research on argumentation developed in Minas Gerais and, particularly, at the Federal University of Minas Gerais (UFMG), from 2011 to 2020. The research adopts a quantitative and qualitative methodology, based on the survey of dissertation and thesis records in Postgraduate Programs in Letters and Linguistics, from databases such as the CAPES Thesis and Dissertation Catalog, digital libraries, and institutional repositories. The data were collected using keywords related to argumentation and organized in spreadsheets that distinguish research on argumentation analysis (AA) and argumentation teaching (EA), allowing the description of theoretical trends, discursive fields, and objects of study. The results reveal a significant predominance of research focused on argumentation analysis in relation to teaching, a trend observed in the Southeast (74%), in Minas Gerais (78%), and at UFMG (77%). The centrality of the discourse argumentation perspective is also highlighted, as well as the recurrence of studies on journalistic, legal, and literary discourse. It is concluded that argumentation studies in the Southeast region of Brazil, particularly in Minas Gerais and at UFMG (Federal University of Minas Gerais), show a concentration on analytical approaches and specific discursive domains, highlighting the need to broaden investigations focused on the teaching of argumentation and diversify the objects of study, contributing to a broader and more balanced panorama of research in the area.

Keywords: Cartography. Argumentation. Minas Gerais. UFMG.

1 Introdução

Em nossas pesquisas acadêmicas, ora elaboramos trabalhos que se dedicam a estudar conceitos ou estratégias associadas a uma determinada teoria no interior de um mesmo domínio teórico da argumentação (Mazzola, 2022a; Mazzola; Kogawa, 2022b); ora elaboramos pesquisas mobilizando teorias distintas no interior desse mesmo domínio (Mazzola, 2021; 2023); ora articulamos teorias do domínio teórico da argumentação com outros domínios das humanidades (Mazzola, 2022c; Mateus; Mazzola, 2023). Ao longo do tempo, em uma mesma instituição, em uma mesma cidade ou em um mesmo estado, essas pesquisas vão gradativamente constituindo-se como indícios que podem ser mapeados.

Nesse espírito, este artigo objetiva descrever e avaliar os dados disponíveis no projeto Cartografias da Argumentação do Sudeste, um trabalho conjunto de professores e pesquisadores que se reuniram para coletar dados de dissertações e teses defendidas em Programas de Pós-Graduação em Letras e Linguística entre os anos de 2011 e 2020, e construir um panorama dos estudos de argumentação nesse período.

O projeto Cartografias da Argumentação propõe realizar um mapeamento do que é pesquisado em PPGs de diversas regiões do Brasil, em diversos recortes temporais, com vistas a expor as temáticas relativas ao estudo teórico e aplicado da argumentação, considerando as perspectivas adotadas, as interfaces teóricas apresentadas, o campo discursivo estudado, os gêneros analisados em diversos *corpora*, e as categorias analíticas mobilizadas.

Propomos focalizar os dados relativos ao estado de Minas Gerais e à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), representada por dois Programas de Pós-Graduação: o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (Poslin) e o Programa de Mestrado Profissional em Letras

(Profletras), ambos sediados na Faculdade de Letras (FALE) da UFMG.

Este estudo, portanto, apresenta quatro seções além desta introdução e das considerações finais: 1) memória do projeto Cartografias, 2) notas sobre o campo da cartografia, 3) metodologia adotada, 4) análise dos dados e discussão dos resultados.

2 Memória do projeto *Cartografias*

O projeto "Cartografias do Sudeste - Estudos da Argumentação", integra um projeto anterior e mais amplo, de 2018, chamado de "Cartografias GELNE: 20 anos de pesquisa em Linguística e Literatura".

Em 2019, foram publicados os volumes I e II da *Cartografia GELNE: 20 anos de pesquisas em linguística e literatura*, pela Editora Pontes (Campinas, SP), sob a organização de Cleber Ataíde (organizador geral) e de variados pesquisadores e professores da área, como Valéria Severina Gomes, Sherry Morgana Justino Almeida, Emanuel Cordeiro da Silva, Thaís Ludmila da Silva Ranieri, André Pedro da Silva (também organizadores).

Em 2023, foi publicado o volume III desse projeto, intitulado *Cartografia da pesquisa em linguagem no Nordeste: áreas emergentes, aplicações para o ensino e interfaces*, pela Editora Pontes (Campinas, SP), sob a organização de Raquel Meister Ko. Freitag e Isabel Cristina Michelan de Azevedo.

Em 2024, professores e pesquisadores do Sudeste foram convidados para auxiliar na coleta de dados dessa região, a partir da experiência e metodologia adotada pelos pesquisadores da região Nordeste.

O grupo do Sudeste foi organizado em quatro grupos menores, representando cada um dos quatro estados da região: Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Este estudo é oriundo das pesquisas do grupo de Minas Gerais, que, ao longo do período de pesquisas, coletou dados de 09 instituições de ensino superior e de seus respectivos PPGs: UFMG, CEFET-MG, UFJF, UFOP, UFSJ, UFU, UFV, Unimontes, Unincor. No grupo de Minas Gerais,

pesquisadores docentes e discentes organizaram-se para buscar os dados das instituições dentro de um cronograma definido.

Após a primeira consolidação dos dados do Sudeste, fruto da tabela descrita na seção de metodologia, os grupos organizaram-se para realizar as primeiras descrições e avaliações, compondo assim os primeiros resultados cartográficos da região. Mas antes de chegarmos às primeiras descrições, seria importante compreendermos um pouco mais, mesmo que brevemente, sobre o domínio da cartografia, uma vez que estamos emprestando o termo de um campo já estabelecido.

3 Notas sobre cartografia

Parece banal inserirmos um endereço desconhecido em um aplicativo de mapas, e colocar o celular ao lado do volante para seguirmos até o destino com segurança e precisão. Esse gesto, que parece simples hoje, é fruto das descobertas dos primeiros cartógrafos e do desenvolvimento das ciências da terra (as Geociências), junto da Geometria e da tecnologia crescente (por ex. o conjunto de satélites que integram os sistemas de GPS).

A cartografia é um domínio multidisciplinar, um ramo da Geografia, que compreende "o conjunto de técnicas utilizadas com finalidade de representar elementos e fenômenos evidenciados no espaço geográfico" (Menezes; Fernandes, 2013, p. 13). A prática de elaboração de mapas com finalidades específicas é tão antiga quanto a própria humanidade. Entende-se a "elaboração de mapas" como o labor e a técnica de transposição de características ou informações de uma esfera (ou melhor, uma forma "geoide", o globo terrestre) para um plano com duas dimensões (os mapas, cartas ou plantas). Essa "transposição" ou "representação" permite a compreensão do espaço que habitamos a partir dos aspectos físico, geográfico, militar, cultural, etc. No entanto, toda "transposição" ou "representação", por consequência, possui um elemento constituinte interessante: a distorção. No ato de transpor/representar informações de uma esfera para

um plano, algo se perderá (i. e., algum aspecto será distorcido). Por outro lado, a representação (o "mapeamento") é, em si, um ganho, um avanço: tem-se o conhecimento do terreno, do espaço em que se habita, reconhecem-se as distâncias, as altitudes, os nossos domínios, os territórios inimigos, as rotas de fuga, os campos de plantação, os nossos vizinhos, etc.

Essa reflexão inicial tem o objetivo de mostrar que alguns princípios da cartografia *stricto sensu*, como ramo da geografia, podem nos auxiliar na construção de uma cartografia de ideias, de temas de pesquisa no Sudeste brasileiro, afinal, estamos cartografando, mapeando esses temas no espaço geográfico (o que se estuda em termos de argumentação nas universidades de Minas Gerais, de São Paulo, do Rio de Janeiro, do Espírito Santo).

Diferente da obra de arte, que existe, para alguns, para ser vista e apreciada, o mapa existe para ser lido. Ele possui informações, representações, códigos e símbolos que direcionam o leitor de um mapa a um conjunto de dados específicos sobre um espaço geográfico. Dentre as informações de um mapa, deparamo-nos inclusive com a distorção contida neles (cf. as diferenças entre as projeções e distorções do tipo "Mercator" e "Peters", por exemplo). O mapa também não tem a finalidade ser bonito ou feio, embora a questão estética dos mapas antigos – elementos de fantasia, cartelas ornamentais, letras curvilíneas – tenha sido tratada por Menezes e Fernandes (2013, p. 18).

Como mencionamos, o conhecimento da produção de mapas está ligado à história da própria humanidade. Para os autores (2013, p. 13), os homens produziam mapas antes mesmo de escrever:

à medida que os grupos humanos passaram a se organizar coletivamente, as representações espaciais foram criadas para demarcar os núcleos de povoamento e os próprios territórios de caça dessas sociedades mais antigas.

O mapa de Bedolina, na Itália (3000 a.C. - 1000 a.C.) constitui um dos primeiros registros sobre pedra da necessidade do homem de compreender o espaço que habita, detalhando uma organização social campestre do período Neolítico:

Figura 1 – Mapa de Bedolina.

Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Bedolina_Map#

Além de estar ligada intimamente com a escrita, a cartografia associa-se também à história do pensamento e das ciências, revelando a) a busca incessante do conhecimento sobre o espaço terrestre, b) o poder e/ou domínio de alguns grupos sobre outros, e c) o mapeamento, por extensão, de outros astros além da terra (lua, marte, e outros planetas).

Nesse sentido, os gregos desempenharam um importante papel no desenvolvimento da cartografia. Segundo Menezes e Fernandes (2013, p. 27), eles já haviam descrito, naquele momento, alguns elementos cartográficos básicos, como a linha do equador, trópicos, círculos polares, meridianos e paralelos. Na época de Aristóteles, a Terra já era reconhecida como esférica. Por volta de 200 a.C., o sistema de latitude e longitude, bem como a divisão do círculo em 360 graus também era conhecido. Eratóstenes, nos séculos III e II a.C., já realizava estimativas sobre o tamanho da terra.

Ptolomeu, em 85 d. C., na província romana do Egito, dedicou sua vida à Astronomia, Geografia e Cartografia, escrevendo os tratados *Almagesto* e *Geographia* sobre essas temáticas. Nesse período romano, a cartografia dedicou-se sobretudo à finalidade militar, ao reconhecimento e estudo topográfico para fins de estratégia, combate e sucesso nas batalhas. O período greco-romano, nesse sentido, desenvolveu de modo importante a aplicação bélica dos mapeamentos geográficos.

A Idade Média apresenta um retrocesso no desenvolvimento da cartografia. Para Menezes e Fernandes (2013, p. 28), nesse período, "há poucas referências, e as que existem carecem de qualquer base científica, e são caracterizadas apenas por esboços e croquis desprovidos de beleza e funcionalidade". A geografia medieval é menos terrestre, e mais metafísica e celeste. Os mapas com melhor representação pertencem aos árabes.

Destacamos, ainda, a bússola, que apareceu no século XIII, e a invenção de Gutenberg, no século XV, que auxiliaram os desenvolvimentos das práticas e dos conhecimentos cartográficos, ora sob a perspectiva da navegação, no primeiro caso, ora sob a perspectiva da impressão/reprodução das cartas, mapas e plantas, no segundo caso. No século XX, a fotografia coloca-se como aliada da cartografia, tendo agido como um auxiliar técnico e preciso na produção e reprodução das especificidades dos territórios.

Como estamos percebendo, a cartografia possui uma história tão antiga quanto a própria escrita e um papel fundamental no desenvolvimento do conhecimento humano. Por isso, é importante trazer algumas definições de estudiosos desse campo para inspirar nosso estudo nas ciências humanas, começando um importante cartógrafo brasileiro, Cêurio de Oliveira:

- i. A cartografia é a "ciência que trata da concepção, estudo, produção e utilização de mapas" (Oliveira *apud* Menezes; Fernandes, 2013, p. 18).
- ii. A cartografia é "um método científico que se destina a expressar fatos e fenômenos observados na superfície da Terra e, por extensão, na de outros astros, [...] através de simbologia própria" (Oliveira *apud* Menezes; Fernandes, 2013, p. 14).
- iii. A cartografia é "o método que permite pensar eficazmente, estrategicamente, a complexidade do espaço terrestre [...]" (Lacoste, *apud* Menezes; Fernandes, 2013, p. 14).
- iv. "A cartografia mais científica preocupa-se com a disseminação do conhecimento espacial" (Menezes; Fernandes, 2013, p. 18).
- v. A cartografia é a "ciência que trata da organização, apresentação, comunicação e utilização da geoinformação, sob uma forma que pode ser visual, numérica ou tátil, incluindo todos os processos de elaboração, após a preparação dos dados, bem como o estudo e utilização dos mapas ou meios de representação, em todas as suas formas" (Taylor *apud* Menezes; Fernandes, 2013, p. 19).

Algumas propostas do campo estrito da cartografia se aproximam do que intencionamos neste estudo, e outras se distanciam. A definição de cartografia como (ii) "um método científico que se destina a expressar fatos e fenômenos observados na superfície da Terra" descreve legitimamente o que fazemos, pois ao cartografar como as pesquisas no campo dos estudos da argumentação aparecem nos Programas de Pós-Graduação do Sudeste, nos anos de 2011 a 2020, podemos visualizar o que os estados e as instituições estão produzindo em termos de pesquisa científica nesses domínios, e quais os locais que carecem de maior incentivo para desenvolvimento desses estudos, seja estimulando estratégias de expansão, seja solicitando/direcionando financiamento público para determinadas instituições.

Dos dados das tabelas das Cartografias do Sudeste, podem emergir mapas para compreensão do estado atual (na década analisada) das pesquisas em argumentação em diversos PPGs, gerando informações para incentivos estratégicos, análises futuras, e, também, percepção de eventuais distorções presentes em pesquisa de natureza exploratória, pioneira, desses primeiros mapeamentos. Por esse motivo, por contemplar inclusive as distorções, é que a

metodologia das Cartografias traduz seu caráter científico com relação aos dados coletados. Esses dados, adicionalmente, servirão como documentação, no decorrer das décadas, sobre o movimento das temáticas, dos domínios e dos gêneros estudados em nosso campo da argumentação.

4 Metodologia da pesquisa

A metodologia desta pesquisa segue os parâmetros já descritos e utilizados na obra *Cartografia da pesquisa em linguagem no Nordeste* (2023), especialmente nos capítulos "Estudos da argumentação: cartografia das pesquisas realizadas na região Nordeste do Brasil nos anos 2010", de Piris *et al.* (2023) e "O ensino de argumentação: cartografias das pesquisas realizadas na região Nordeste do Brasil na década de 2010", de Michelan *et al.* (2023). Resumiremos esses passos a seguir.

I. Parâmetros: Foram buscadas dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas entre 2011 e 2020 em Programas de Pós-Graduação da área de Letras e Linguística, tendo como parâmetro a tabela de áreas de conhecimento do CNPq, dos quatro estados que compõem a região Sudeste do Brasil, quais sejam, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo.

II. Fontes de dados: Utilizamos o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, o sistema *Pergamum* de gerenciamento de informações, bibliotecas online das universidades, sites de Programas de Pós-Graduação, e eventualmente buscadores de internet para auxiliar a complementação de informações não encontradas em nenhum dos locais anteriores.

III. Busca de dados: As buscas foram feitas utilizando as palavras-chave "argumentação", "argumentatividade", "argumento", "retórica".

IV. Triagem dos dados: A primeira triagem constituiu-se na seleção de pesquisas que tratavam da argumentação, argumentatividade ou retórica nos Programas de Pós-Graduação das áreas de Letras/Linguística/Estudos Linguísticos e/ou outras áreas afins das humanidades.

V. Coleta dos dados. Os dados foram coletados por todos os integrantes do projeto Cartografias do Sudeste em uma planilha criada, mantida e compartilhada por esses membros em nuvem. A planilha tem o objetivo de mapear dois campos dos estudos de argumentação: i) Pesquisas de análise de argumentação; e ii) Pesquisas de ensino de argumentação. Por isso, foram criadas inicialmente duas abas. A primeira, referente às pesquisas de análise de argumentação, possui as seguintes colunas: "UF", "IES", "PPG", "Ano", "Mestrado/Doutorado", "Autor", "Orientador", "Título", "Resumo", "Palavras-chave", "Link para download", "Teoria da argumentação mobilizada", "Interface teórica 1", "Interface teórica 2", "Campo discursivo", "Corpus gênero", "Categoria analítica 1", "Categoria analítica 2". A segunda aba, referente às pesquisas de ensino de argumentação, possui as seguintes colunas: "UF", "IES", "PPG", "Ano",

"Mestrado/Doutorado", "Autor", "Orientador", "Título", "Resumo", "Palavras-chave", "Link para download", "Teoria da argumentação mobilizada", "Interface teórica 1", "Interface teórica 2", "Natureza da pesquisa".

VI. Organização dos dados. A partir da necessidade de descrever as pesquisas defendidas dentro dos programas de Letras e Linguística e aquelas defendidas em outros PPGs, com o tema da "argumentação", "argumentatividade" e "retórica", duplicou-se cada aba para este fim. A planilha, então, passou a apresentar quatro abas: a) Pesquisas de análise de argumentação em programas de Letras e Linguística; b) Pesquisas de análise de argumentação em programas de outras áreas; c) Pesquisas de ensino de argumentação em programas de Letras e Linguística; d) Pesquisas de ensino de argumentação em programas de outras áreas.

Figura 2 – Imagem ilustrativa da tabela Cartografias da Argumentação do Sudeste 2011-2020

A1	UF	IES	PPG	ANO	M/D	Autor/s	Orientador/s	Título	Resumo	Palavras-chave	Link para download	Teoria da argumentação mobilizada	Interface teórica 1	Interface teórica 2	campo discursivo	corpus gênero	categoria analítica 1	categoria analítica 2	
1	ES	UFES	Letras	2015	D	Fernando Scopel Falcão	Paulo Roberto Sodré	O tributar do segred	Estuda as tensões satíricas de Lourenço, segred atuante nas cortes reais de Afonso VI (1240-1279), em Portugal, e de Afonso X (1220-1284), em Castela. Objetiva	Letras português	https://repositorio.ufmg.br/handle/1802/11111	Retórica clássica e	Retórica da impertinência	Crítica Literária	Textos-fonte produzidos	poética-retórica	Sétima		
2	ES	UFES	Letras	2018	D	Fernanda Cristina da Encarnação	Paulo Roberto Sodré	A história da alteridade na	Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a representação da alteridade	Retórica, Teoria da Argumentação, Afonso VI, Afonso X	https://repositorio.ufmg.br/handle/1802/11111	Retórica da alteridade	Retórica da alteridade	Crítica Literária	Análise descritiva	Relato	Alteridade	Religião	
3	ES	UFES	Linguística	2019	D	ROSANA MARTINS FERREIRA LOPES	Luciano Noves Vidon	DIÁLOGOS DO	Diálogos do cotidiano se mostram um importante campo a ser estudado	Diálogos do cotidiano	https://repositorio.ufmg.br/handle/1802/11111	Teoria dialógica	Análise do discurso	Discursos do cotidiano	Alfabeto	Diálogo	Cartelões		
4	ES	UFES	Linguística	2019	D	MARIA DA PENHA FERREIRA LINS	Luciano Noves Vidon	DISCURSOS DO	Este trabalho tem por objetivo analisar a representação da alteridade	Teoria da Argumentação, Teoria da Impertinência, Teoria da Alteridade	https://repositorio.ufmg.br/handle/1802/11111	Teoria da impertinência	Teoria da alteridade	Crítica Literária	Textos-fonte produzidos	poética-retórica	Sétima		
5	ES	UFES	Linguística	2019	D	MARIA DA PENHA FERREIRA LINS	Luciano Noves Vidon	DISCURSOS DO	Este trabalho tem por objetivo analisar a representação da alteridade	Teoria da Argumentação, Teoria da Impertinência, Teoria da Alteridade	https://repositorio.ufmg.br/handle/1802/11111	Teoria da impertinência	Teoria da alteridade	Crítica Literária	Textos-fonte produzidos	poética-retórica	Sétima		
6	ES	UFES	Linguística	2019	D	ARACELI COVRE DE SOUZA	Luciano Noves Vidon	DISCURSOS DO	O ponto central de investigação desta tese é a composição de peças jurídicas	Pragmática, Teoria da Impertinência, Teoria da Alteridade	https://repositorio.ufmg.br/handle/1802/11111	Análise Argumentativa	Teoria da impertinência	Teoria da alteridade	Crítica Literária	Textos-fonte produzidos	poética-retórica	Sétima	
7	ES	UFES	Linguística	2019	M	Isidoro Rodrigues Figueiredo	Isidoro Rodrigues Figueiredo	DISCURSOS DO	O foco da pesquisa é analisar as partes de narrativas, mais especificamente as	Narrativas	https://repositorio.ufmg.br/handle/1802/11111	Teoria da impertinência	Teoria da alteridade	Crítica Literária	Textos-fonte produzidos	poética-retórica	Sétima		
8	ES	UFES	Linguística	2011	M	Mário Aníbal dos Santos	Hilda Olimpio	A estratégia	Esta pesquisa objetiva investigar o comportamento das expressões cotidianas em	Referenciado	https://repositorio.ufmg.br/handle/1802/11111	Teoria da impertinência	Teoria da alteridade	Crítica Literária	Textos-fonte produzidos	poética-retórica	Sétima		
9	ES	UFES	Linguística	2011	M	Yara Figueiredo de Oliveira	Isidoro Rodrigues Figueiredo	DISCURSOS DO	Esta pesquisa objetiva investigar o comportamento das expressões cotidianas em	Referenciado	https://repositorio.ufmg.br/handle/1802/11111	Teoria da impertinência	Teoria da alteridade	Crítica Literária	Textos-fonte produzidos	poética-retórica	Sétima		
10	ES	UFES	Linguística	2017	M	Franeschi Correa de Freitas	Ana Cristina	A "GIR" no	O campo do religião tende a ser caracterizado pelo tom de autoridade, uso do humor	Religião, Teoria da Impertinência, Teoria da Alteridade	https://repositorio.ufmg.br/handle/1802/11111	Teoria da impertinência	Teoria da alteridade	Crítica Literária	Textos-fonte produzidos	poética-retórica	Sétima		
11	ES	UFES	Linguística	2020	D	DANIEL DE MELLO MARIANI	DANIEL DE MELLO MARIANI	SOMOS A	Este estudo defende a discussão sobre as condições de produção (de inglês) da	Teoria da Argumentação, Teoria da Impertinência, Teoria da Alteridade	https://repositorio.ufmg.br/handle/1802/11111	Teoria da impertinência	Teoria da alteridade	Crítica Literária	Textos-fonte produzidos	poética-retórica	Sétima		
12	ES	UFES	Linguística	2020	D	RAQUEL NATALIE	MICHELLE MATEUS TOMAZI	O "SMIRACIO	Este trabalho tem por objetivo analisar a representação da alteridade	Teoria da Argumentação, Teoria da Impertinência, Teoria da Alteridade	https://repositorio.ufmg.br/handle/1802/11111	Teoria da impertinência	Teoria da alteridade	Crítica Literária	Textos-fonte produzidos	poética-retórica	Sétima		
13	ES	UFES	Linguística	2020	D	RAFAEL DA SILVA MARIANI	Luciano Noves Vidon	A Cultura Popular	Esta tese dialoga com enunciados concretos produzidos durante as 23 primeiras	Teoria da Argumentação, Teoria da Impertinência, Teoria da Alteridade	https://repositorio.ufmg.br/handle/1802/11111	Teoria da impertinência	Teoria da alteridade	Crítica Literária	Textos-fonte produzidos	poética-retórica	Sétima		
14	ES	UFES	Linguística	2020	D	LUÍCA HELENA RIBEIRO DA SILVA	Luciano Noves Vidon	DISCURSOS DO	Este trabalho tem por objetivo analisar a representação da alteridade	Teoria da Argumentação, Teoria da Impertinência, Teoria da Alteridade	https://repositorio.ufmg.br/handle/1802/11111	Teoria da impertinência	Teoria da alteridade	Crítica Literária	Textos-fonte produzidos	poética-retórica	Sétima		
15	ES	UFES	Linguística	2010	M	LUANA BARAGATTO CARVALHO	MARIA DA PENHA FERREIRA LINS	A CONTRUÇÃO	Entretidas os ritmos de tipo face e face em que o entrevistado e o	Teoria da Argumentação, Teoria da Impertinência, Teoria da Alteridade	https://repositorio.ufmg.br/handle/1802/11111	Teoria da impertinência	Teoria da alteridade	Crítica Literária	Textos-fonte produzidos	poética-retórica	Sétima		
16	ES	UFES	Linguística	2010	M	IVAN SANTOS LEANDRO	HELENA DE OLIVEIRA	A INTERVENÇÃO	A presente pesquisa, orientada a partir do método fenomenológico, tem por	Teoria da Argumentação, Teoria da Impertinência, Teoria da Alteridade	https://repositorio.ufmg.br/handle/1802/11111	Teoria da impertinência	Teoria da alteridade	Crítica Literária	Textos-fonte produzidos	poética-retórica	Sétima		

Fonte: Cartografias da Argumentação do Sudeste 2011-2020.

VII. Recorte dos dados. Para este estudo, empreendemos um recorte da totalidade dos dados da tabela Cartografias do Sudeste, a fim de produzir um enfoque nos PPGs do estado de Minas Gerais e dos dados da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Além disso, selecionamos apenas os dados de duas das quatro abas da tabela, quais sejam, aba

(a) Pesquisas de análise de argumentação em programas de Letras e Linguística; e aba (c) Pesquisas de ensino de argumentação em programas de Letras e Linguística. Ficaram de fora deste estudo os dados da aba (b) Pesquisas de análise da argumentação em programas de outras áreas; e da

aba (d) Pesquisas de ensino de argumentação em programas de outras áreas.

VIII. Siglas. Neste estudo, adotaremos as siglas "AA" para representar os registros relativos às pesquisas de "análise da argumentação" e "EA" para representar os registros relativos às pesquisas de "ensino de argumentação".

5 Análise dos dados e discussão dos resultados

Partindo dos dados gerais obtidos nos quatro estados da região Sudeste entre 2011 e 2020, nos Programas de Pós-Graduação da área de Letras e Linguística, observamos um total de 709 trabalhos defendidos. Desses, 524 registros pertencem ao espectro da "análise da argumentação" (AA) e 185 registros pertencem ao espectro do "ensino de argumentação" (EA). Nesta seção, empreenderemos a descrição e a avaliação dos dados coletados.

Tabela 1 – Trabalhos de mestrado e doutorado defendidos em Programas de Pós-Graduação em Letras e/ou Linguística no Sudeste entre 2011-2020.

Espectro	Número de registros do Sudeste em PPGs de LL	% aproximada
Análise da argumentação	524	74%
Ensino de argumentação	185	26%
Total	709	100%

Fonte: Cartografias da Argumentação do Sudeste.

Os dados revelam que a maior parte dos trabalhos defendidos no Sudeste brasileiro entre 2011 e 2020 enquadra-se no espectro da "análise da argumentação", aparecendo quase três (2,83) vezes mais que os trabalhos que se enquadram no espectro do "ensino de argumentação". Os registros de AA compõem 74% dos trabalhos defendidos nesse

período, enquanto os registros de EA compõem apenas 26%. Esse resultado indica uma predominância analítico-hermenêutica em relação à abordagem do ensino.

Essa predominância observada em todo o Sudeste irá se manter nos dados do estado de Minas Gerais, conforme podemos ver em seguida.

Tabela 2 – Trabalhos de mestrado e doutorado defendidos em Programas de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa em Minas Gerais entre 2011-2020.

IES DE MG	Registros AA	Registros EA
CEFET-MG	21	01
UFJF	06	02
UFMG	71	21
UFOP	11	01
UFSJ	11	00
UFU	03	02
UFTM	00	01
UFV	13	00
UNIMONTES	01	12
UNINCOR	03	00
Total	140	40
% aproximada	78%	22%

Fonte: Cartografias da Argumentação do Sudeste.

A Tabela 2, que apresenta o recorte das pesquisas defendidas apenas em Minas Gerais entre 2011 e 2020, segue a tendência geral dos trabalhos de “análise” (140 registros, 78%) em relação aos de “ensino” (40 registros, 22%). A proporção é de três vezes e meia (3,5) de trabalhos de “análise” para um de “ensino”.

Contudo, destacamos a UFTM e a UNIMONTES, que apresentam tendência inversa: nessas duas instituições, o número de trabalhos defendidos no campo do “ensino de argumentação” (EA) é maior que aquele do campo da “análise da argumentação” (AA), uma vez que $1 > 0$ na UFTM e $12 > 1$ na UNIMONTES.

Os dados relativos à UFTM podem evidenciar um campo de pesquisa emergente (apenas 1 registro), mas aqueles relativos à UNIMONTES (12 registros) apontam para uma maior consistência de pesquisas no campo do “ensino da argumentação”, revelando uma produção mais constante de trabalhos desse espectro ao longo da década analisada.

Ainda na Tabela 2, observamos que a instituição com maior produção quantitativa de dissertações e teses é a UFMG, com 92 trabalhos no total (71 registros em análise da argumentação e 21 registros em ensino de argumentação). Por outro lado, a instituição com menor número de trabalhos registrados é a UFTM com 1 trabalho total (0 registros de análise da argumentação e 1 registro em ensino de argumentação).

Importante ressaltar que os dados da Tabela 2 não contemplam a totalidade das instituições mineiras, sejam públicas ou particulares, pois, para constar na tabela, é preciso que tenham apresentado ao menos 1 registro em algum dos espectros (AA e/ou EA). As instituições que apresentaram zero registros em ambos os espectros não apareceram na tabela. Por essa razão, a UFTM enquadra-se na menor produção quantificada a partir de 1 em algum dos espectros.

Outro dado relevante é que algumas instituições de ensino da Tabela 2 não apresentaram trabalhos defendidos no campo do “ensino” (zero registros), embora tenham registrado pesquisas no campo da “análise”: é o caso da UFSJ, da UFV e da Unincor. Isso aponta para o reconhecimento de possibilidades de desenvolvimento e planejamento de pesquisas nesse espectro no futuro, sobretudo nos casos da UFSJ e da UFV. No caso da Unincor, particularmente, os dados de 2011 a 2020 referem-se a pesquisas oriundas de um Programa de Mestrado em Letras que não está mais ativo desde 2019, e por isso não haverá continuidade.

A seguir, caminhando para o nosso enfoque apontado na metodologia deste estudo, analisaremos as produções da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), cujos dados sobre pesquisas em argumentação são oriundos de dois programas: 1) o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (Poslin) e 2) o Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras). Os dados estão dispostos por ano.

Tabela 3 – Trabalhos de mestrado e doutorado defendidos nos Programas de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (Poslin) e no Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da UFMG entre 2011-2020, classificados por ano.

Ano de defesa	Registros AA	Registros EA
2011	07	00
2012	08	03
2013	08	01
2014	02	02
2015	08	02
2016	10	02
2017	08	03
2018	08	01

2019	09	03
2020	03	04
Total	71	21
% aproximada	77%	23%

Fonte: Cartografias da Argumentação do Sudeste.

Observamos, a partir dos dados da Tabela 3, a proporção de três vezes (3,38) mais trabalhos de "análise" para um trabalho de "ensino". Verificamos uma média de sete (7,1) trabalhos de mestrado e doutorado defendidos por ano no espectro da "análise da argumentação" e uma média de dois (2,1) trabalhos no espectro do "ensino de argumentação" na UFMG por ano.

Destacam-se, nos momentos de maior produção, o ano de 2016 na UFMG com um total de dez (10) trabalhos de "análise da argumentação" e o

ano de 2020 com um total de quatro (4) trabalhos de "ensino de argumentação". Inversamente, os momentos de menor produção são o ano de 2014, que apresentou apenas dois (2) trabalhos de "análise"; e o ano de 2011, que não registrou nenhum trabalho de "ensino".

A seguir, discutiremos as teorias da argumentação mobilizadas nas pesquisas de Pós-Graduação da UFMG na década de 2011-2020, nos dois espectros (AA e EA):

Tabela 4 – Teorias da argumentação mobilizadas em pesquisas da UFMG entre 2011-2020.

Teoria da argumentação	Registros AA	Registros EA
Argumentação na língua / Semântica argumentativa	04	03
Argumentação no discurso	37	05
Nova retórica	10	01
Retórica	04	04
Semiolinguística	02	00
Linguística textual	00	06
Sociorretórica	00	01
Não definido	14	01
Total	71	21

Fonte: Cartografias da Argumentação do Sudeste

A partir da Tabela 4, percebemos, nos 92 trabalhos totais, padrões sobre quais concepções teóricas são mais mobilizadas e como elas se distribuem entre os dois grupos ao longo dos dez anos analisados. Discutiremos os grupos separadamente a seguir.

I) Grupo AA: "análise da argumentação"

Em primeiro lugar, observa-se a predominância da perspectiva da "argumentação no discurso", com trinta e sete (37) registros em AA,

representando 52,11% das pesquisas elaboradas nesse espectro.

Em segundo lugar, nota-se a presença relevante da perspectiva da "nova retórica", com dez (10) pesquisas defendidas em dez anos na UFMG, representando 14,08% do espectro AA.

Em terceiro lugar, as perspectivas com menor frequência nesse espectro são, respectivamente, "retórica clássica" (4 registros), "argumentação na língua/semântica argumentativa" (4 registros), e "semiolinguística" (2 registros). Interessante notar o lugar da "retórica clássica" entre os grupos menos

frequentes, levando-nos a crer que essa perspectiva aparece como referência conceitual, história e tradição do campo, menção, apoio teórico complementar, não se constituindo como metodologia central das pesquisas.

Em quarto lugar, há também o grupo com nenhuma frequência (zero): são os casos, no espectro da AA, da "linguística textual" e "sociorretórica".

II) Grupo EA": "ensino da argumentação"

Em primeiro lugar, as três perspectivas com maior frequência nesse espectro são a) "linguística textual" (6 registros), b) "argumentação no discurso" (5 registros) e c) "Retórica/retórica clássica" (4 registros).

Em segundo lugar, o grupo de menor frequência é composto pelas seguintes perspectivas: a) "argumentação na língua / semântica argumentativa" (3 registros), b) "nova retórica" (1 registro) e c) "sociorretórica" (1 registro).

Em terceiro lugar, o grupo com nenhuma frequência é representado pela perspectiva da "semiolinguística", com zero registros no espectro EA.

É interessante notar a presença da "linguística textual" no grupo de maior frequência nesse espectro, pois ela não constitui, em si, uma perspectiva da

argumentação. Reconhecemos a produtividade da interface LT x Argumentação, sobretudo no que diz respeito às ferramentas analíticas fornecidas pela LT para descrevermos como as funções persuasivas ocorrem na materialidade textual. Podemos pensar, por exemplo, nos elementos de coesão como suporte das relações lógicas: no emprego de anáforas e conectivos, é possível observar o funcionamento das relações inferenciais de causa, consequência e oposição. Uma outra possibilidade é estudar os operadores argumentativos (como "mas", "até", "inclusive", etc.) – objetos da "semântica argumentativa" – para descrição da orientação do dizer.

Além das perspectivas teóricas adotadas nos grupos acima analisados, trazemos a seguir a Tabela 5, com os dados consolidados a respeito dos campos discursivos estudados nas pesquisas de dissertações e teses dos Programas de Pós-Graduação da Faculdade de Letras (FALE) da UFMG, agora apenas no espectro da "análise da argumentação" (AA):

Tabela 5 – Campos discursivos mobilizados em pesquisas da UFMG entre 2011-2020, no espectro da "análise da argumentação".

Campo discursivo	Registros AA	% aproximada
Discurso acadêmico	03	4%
Discurso científico	01	1%
Discurso de autoajuda	02	3%
Discurso digital	03	4%
Discurso diplomático	01	1%
Discurso feminista	01	1%
Discurso fílmico	04	6%
Discurso identitário	01	1%
Discurso publicitário	05	7%
Discurso jornalístico	20	28%
Discurso literário	08	11%
Discurso jurídico	10	14%
Discurso religioso	02	3%
Discurso organizacional	02	3%

Discurso político	06	8%
Variado	02	3%
Total	71	100%

Fonte: Cartografias da Argumentação do Sudeste.

Adicionamos, na Tabela 5, uma coluna com a porcentagem aproximada, representando o número de registros de cada campo discursivo. Isso nos auxilia a visualizar a distribuição quantitativa geral e o peso relativo de cada campo.

Em primeiro lugar, observamos uma forte concentração em poucos campos. Aqueles do i) discurso jornalístico (20 registros, 28%), do ii) discurso jurídico (10 registros, 14%), e do iii) discurso literário (8 registros, 11%), somam a maioria (53%) dos campos discursivos pesquisados em dissertações e teses da UFMG na década.

Adicionalmente, podemos dividir esses campos em três níveis de frequência: 1) aqueles com alta incidência (mais de 10%), representados pelos i) discurso jornalístico, ii) discurso jurídico e iii) discurso literário. 2) Aqueles com incidência média, representados pelos campos iv) discurso político, v) discurso publicitário e vi) discurso fílmico. 3) Aqueles com baixa incidência (de 1 a 3 registros), representados pelos campos vii) discurso digital, viii) discurso feminista, ix) discurso identitário, x) discurso científico, e xi) discurso diplomático.

Uma leitura qualitativa desses dados sugere que o discurso jornalístico é mais frequente porque circula diariamente em larga escala, oferecendo um *corpus* quase infinito de temáticas para o pesquisador da argumentação. Além disso, o jornalismo é palco natural da divergência de opinião (cf. "editoriais" e "colunas"), atraindo análises sobre como teses opostas são sustentadas.

A presença do discurso jurídico pode ser explicada pelo lugar central do Direito na argumentação. A narrativa fundadora da retórica (Reboul, 2000) já descrevia os primeiros júris populares estruturados para resolver disputas territoriais causadas por tiranos sicilianos. Além disso, o campo jurídico lida diretamente com pontos de conflito ("*stasis*").

A presença do discurso literário dialoga com a forte tradição humanística da área de Letras na UFMG. Considerando a "dimensão argumentativa" da narrativa (Amossy, 2020), é possível descrever tanto os mecanismos argumentativos intra-narrativos (nas interações entre personagens) quanto aqueles extra-narrativos (nas interações entre obra e sociedade).

A partir desses dados, observa-se a centralidade do discurso midiático como objeto de dissertações e teses da FALE/UFMG, considerando a soma dos registros do discurso jornalístico (20), publicitário (5), fílmico (4) e digital (3), ou seja, 45% das pesquisas, aproximadamente, analisam discursos de mídia.

Observamos, também, a baixa presença dos domínios sociais emergentes, representados pela baixa frequência de estudos do discurso feminista (1), discurso identitário (1) e discurso digital (3). Considerando o período de 2011 a 2020, seria plausível esperar números maiores, uma vez que essas temáticas já circulavam nos debates públicos. Por outro lado, talvez essas temáticas possam estar presentes no que se chama "discurso jornalístico", utilizado como domínio amplo no qual se concentram outros subdomínios.

A Tabela 5 permite identificar também algumas ausências. Alguns campos discursivos não aparecem nos dados, como a) discurso educacional/pedagógico, b) discurso médico/saúde, c) discurso cultural/identidade nacional. O discurso médico, por exemplo, poderá aparecer na próxima década, uma vez que em 2020 ocorreu a pandemia de Covid-19, no Brasil e no mundo, e o discurso médico-científico ganhará grande relevância e passará a integrar gradualmente tanto o discurso político quanto o discurso midiático.

6 Considerações finais

Ensaíamos, neste breve estudo, descrever os dados de Minas Gerais e, particularmente, da UFMG, avaliando os resultados do Programa de Pós-Graduação em Linguística (Poslin) e do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), ambos localizados na Faculdade de Letras (FALE), na década de 2011 a 2020.

Iniciamos nosso estudo com a memória do projeto Cartografias da Argumentação, pois passamos a integrá-lo em um momento em que ele já havia mapeado a região Nordeste do Brasil, e sua metodologia, já revisada, passou a nortear as pesquisas do Sudeste brasileiro.

Em seguida, tentamos enriquecer nossa discussão com um retorno ao campo da cartografia, pertencente ao domínio das Geociências, com vistas a nos aproximar de um campo do saber que pode inspirar o trabalho que ora fazemos, se considerarmos que os dados obtidos até agora poderão gerar mapas, cartas e roteiros para visualizarmos a constituição, a localização e a dispersão dos estudos de argumentação no território brasileiro. A transformação dos dados aqui analisados em gráficos e em mapas guarda um potencial se nos apropriamos das técnicas cartográficas.

A seção de descrição e análise dos dados revelou a predominância dos estudos de "análise de argumentação" (AA) no Sudeste (Tabela 1), com 74% das pesquisas defendidas nesse espectro. Ao observamos apenas o estado de Minas Gerais, a predominância dos estudos em AA se manteve (Tabela 2), com 78% de dissertações e teses defendidas nesse espectro. Ao focalizarmos a Universidade Federal de Minas Gerais (Tabela 3), a predominância foi da ordem de 77%.

Com relação às teorias da argumentação mais frequentes em pesquisas do espectro AA na UFMG (Tabela 4), observamos a consolidação das perspectivas da "argumentação no discurso" (52%) e da "nova retórica" (14%). Além disso, apresentam-se as oportunidades que se abrem com relação às

perspectivas da "linguística textual" e da "sociorretórica" nos espectros AA e EA, e o desafio dos trabalhos "não definidos", que levantam uma questão metodológica importante: o domínio da argumentação apresentaria uma "caixa de ferramentas" para outros campos ou ele integraria toda produção linguageira?

O estudo dos domínios discursivos mais frequentes dessa instituição revelou que o discurso jornalístico (28%), o discurso jurídico (14%) e o discurso literário (11%) foram mais frequentes nas pesquisas.

Nessas tabelas, revelou-se a emergência – e a necessidade de haver maior incentivo – das pesquisas voltadas ao "ensino da argumentação" (EA). A questão da argumentação voltada para o ensino está fortemente presente nos documentos norteadores da educação brasileira, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)¹, documento no qual os termos "argumentar" e "argumentação" são bastante frequentes. Além disso, a função pedagógica é elemento constituinte da retórica (Reboul, 2000) e os manuais de oratória e argumentação, como os *progymnasmata* (Mello; Martins, 2018), surgiram com os próprios sofistas.

Por fim, gostaríamos de ressaltar a importância do projeto Cartografias da Argumentação, uma vez que tanto o projeto realizado no Nordeste quanto este que está sendo realizado agora no Sudeste desempenham um papel relevante no mapeamento das pesquisas em argumentação realizadas nesses PPGs regionais, servindo a uma série de utilizações no ambiente acadêmico, ora como fonte de novas pesquisas, ora como guia de temáticas em orientações de TCCs, dissertações e teses nessa área, ora como mapa de percepções de tendências e predominâncias de movimentos teóricos, ora como uma ferramenta de diagnóstico da qualidade do acesso às informações dos PPGs brasileiros em relação aos dados de suas pesquisas.

¹ Texto completo em https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf

Referências

- AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2020.
- ATAÍDE, C. et al. (Org.). *Cartografia GELNE: 20 anos de pesquisas em linguística e literatura - Volume II*. Campinas, SP: Editora Pontes, 2019.
- FREITAG, R. M. K.; AZEVEDO, I. C. M. (Org.). *Cartografia da pesquisa em linguagem no Nordeste: áreas emergentes, aplicações para o ensino e interfaces*. Campinas: Pontes, 2023.
- MATEUS, S. A. A.; MAZZOLA, R. A retórica populista de Bolsonaro em 2018: estudo de caso dos debates pré-eleitorais televisionados. *Revista Eid&a - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, v. 23, n. 2, p. 122-141, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/artic/e/view/3711>.
- MAZZOLA, R. Elementos da argumentação polêmica no debate político televisionado: confrontos em torno de temas de interesse público. *Revista Eid&a - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, v. 21, n. 2, p. 181-204, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/artic/e/view/3142>.
- MAZZOLA, R. Retóricas do debate pré-eleitoral: análise dos argumentos mobilizados na corrida presidencial de 2018. *Revista Heterotópica*, v. 4, n. 2, p. 101-119, 2022a. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/66023>.
- MAZZOLA, R.; KOGAWA, J. M. M. As figuras na argumentação: o caso do debate eleitoral de 2018. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 30, n. 3, p. 1437-1468, 2022b. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/54685>
- MAZZOLA, R. Parresía e retórica: notas sobre uma polêmica. *Revista Policromias*, v. 7, n. 1, p. 150-177, 2022c. Disponível em: <https://revistas.ufrrj.br/index.php/policromias/article/view/52549>.
- MAZZOLA, R. Os temores de 2018: argumentação emocional como estratégia de persuasão. In: LIMA, H.; ABREU-AOKI, R.; MAZZOLA, R. (Org.). *Retórica, argumentação e emoções: itinerários convergentes*. Campinas: Pontes, 2023. p. 87-107.
- MELLO, H. C.; MARTINS, A. O. *Progymnasmata: exercícios retóricos para o ensino do texto dissertativo-argumentativo*. *Recorte*, vol. 15, n. 1, p. 1-20, jan.-jul. 2018.
- MENEZES, P. M. L.; FERNANDES, M. C. *Roteiro de Cartografia*. 1ª ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.
- MICHELAN, I. C. et al. O ensino de argumentação: cartografia das pesquisas realizadas na região Nordeste do Brasil na década de 2010. In: FREITAG, R. M. K.; AZEVEDO, I. C. M. (Org.). *Cartografia da pesquisa em linguagem no Nordeste: áreas emergentes, aplicações para o ensino e interfaces*. Campinas: Pontes, 2023. p. 263-289.
- PIRIS, E. L. et al. Estudos da argumentação: cartografia das pesquisas realizadas na região Nordeste do Brasil nos anos 2010. In: FREITAG, R. M. K.; AZEVEDO, I. C. M. (Org.). *Cartografia da pesquisa em linguagem no Nordeste: áreas emergentes, aplicações para o ensino e interfaces*. Campinas: Pontes, 2023. p. 239-290.
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.